

POR UMA HISTÓRIA SIGNIFICATIVA NA SALA DE AULA

Janaína Mota Fidelis
janamfidelis@gmail.com

Centro Universitário Leonardo da Vinci

RESUMO

A importância dada ao ensino da história nas escolas e a maneira como esse ensino é articulado é o foco deste artigo. Tem como objetivo discutir questões pertinentes ao ensino significativo da História em sala de aula. Ao longo do trabalho discutiremos o atual ensino da história, analisaremos o que é a história na teoria e na prática e falaremos do papel do professor e do aluno na construção do conhecimento histórico de maneira significativa. Metodologicamente, baseamo-nos na pesquisa bibliográfica, estudando contribuições de diversos autores sobre o ensino da História e sobre a Educação. Chegamos à conclusão de que o professor precisa ter claro consigo a diferenciação entre a História e o passado propriamente dito, até questões ideológicas da História trabalhada na escola. Para o ensino da História se tornar significativo, o educando deve se ver como sujeito histórico e perceber o quanto os fatos históricos influenciam o seu modo de vida, e para esta conquista é essencial o planejamento bem focado e com objetivos claros.

Palavras-chave: Ensino Significativo; História; Planejamento; Sujeitos Históricos.

ABSTRACT

The importance given to the teaching of history in schools and how this teaching is articulated is the focus of this article. Aims to discuss issues relevant to the teaching of history in meaningful classroom. Throughout the work we discuss the current teaching of history, analyze what is the story on the theory and practice and speak of the role of teacher and student in the construction of historical knowledge in a meaningful way. Methodologically, we rely on literature, studying contributions of various authors on the teaching of history and on Education. We conclude that the teacher must be clear with the distinction between history and the past itself, even ideological worked in school history. For the teaching of history becomes significant, the student should be seen as a historical and realize how much the historical facts influence your way of life, and this achievement is essential to planning and well focused with clear objectives.

Keywords: Significant Education; History; Planning; Historical Subjects.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da inquietação diante da importância que tem sido dada ao ensino da História nas escolas e a maneira como esse ensino vem sendo articulado. Com o objetivo de

discutir questões pertinentes acerca do ensino significativo da História em sala de aula, este trabalho trará inicialmente a questão do desafio de tornar a educação mais atrativa frente às novas tecnologias que evoluem constantemente e rapidamente, e nem sempre a escola consegue acompanhá-las com a mesma velocidade.

Dentro deste debate está o ensino da História e o desafio de sobrepor o pensamento crítico e analítico em detrimento das meras informações oferecidas em sites de pesquisa pasteurizados (Pinsky e Pinsky, 2003). Assim, buscamos ao longo deste artigo, articular maneiras de construir junto aos alunos um conhecimento útil para a vida cotidiana.

Posteriormente discutiremos sobre a linha tênue que diferencia a História e o passado, e logo, trataremos do conceito do que é a história e para quem ela é produzida e disseminada, trazendo para debate questões ideológicas sobre o assunto. Logo, adentraremos na questão pedagógica propriamente dita, a qual abarcará o ensino da história em sala de aula, as questões didáticas e as metodologias de ensino.

Para sistematizar o conhecimento construído através das pesquisas e discussões em torno do assunto, traremos de maneira prática, um roteiro de aplicação de um projeto de ensino/aprendizagem, demonstrando claramente como a História pode ser trabalhada pedagogicamente de maneira atrativa e construtiva. Para finalizar este trabalho, abordaremos as conclusões sobre as metodologias do ensino da história e a importância do planejamento para o sucesso do processo de ensino/aprendizagem.

2. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DA HISTÓRIA

Frente aos desafios do desenvolvimento social a Educação surge como alicerce para a humanidade, surge como uma via para tal desenvolvimento. Sabemos das discussões que perpassam pelas questões de como e o que ensinar, sobre a didática de ensino e sobre as relações de poder que giram em torno da necessidade de educação. Assim, para que a educação seja realmente alicerce para o desenvolvimento social, emerge a necessidade de um ensino eficiente e eficaz.

O desafio atual consiste em construir uma educação significativa para toda a vida em uma sociedade na qual as informações atropelam a formação através de tecnologias que evoluem constantemente e rapidamente. Pinsky e Pinsky (2003) trazem para debate a problemática de

que as novas tecnologias difundidas já no século XX e em constante evolução e mutação no século XXI põem em cheque a eficácia educacional dos livros, a utilidade dos professores e das propostas curriculares. Contudo, questionamos: Será que devemos colocar todos os conhecimentos, didáticas de ensino e metodologias construídos ao longo dos anos dentro de um mesmo “saco” e por no lixo? Eis que, no “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI” Delors salienta:

Dado que oferecerá meios, nunca antes disponíveis, para a circulação e armazenamento de informações e para a comunicação, o próximo século submeterá a educação a uma dura obrigação que pode parecer, à primeira vista, quase contraditória. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à evolução cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levam a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele. (2006, p.89)

Ou seja, a Educação é a principal ferramenta para orientar a sociedade nesta rede de informações, que por sua vez, é também uma ferramenta que pode ser utilizada para a aprendizagem ou apenas para meras informações que se não sistematizadas, inevitavelmente, não se transformam em conhecimento. Cabe à escola e ao professor harmonizar esta rede de informações que é sim constituída pelas novas tecnologias, mas, também, por livros didáticos (porquê não?), por museus, espaços culturais, etc.

Dentro dessas discussões está o ensino da História, foco deste artigo. Cabrini afirma: “Tudo o que você faz em sala de aula depende fundamentalmente de duas coisas: da forma como você encara o processo de ensino/aprendizagem e da sua concepção de história.” (2000, p. 31). O problema central deste trabalho está na construção de uma educação para a História eficiente e eficaz, dado que, com as evoluções tecnológicas citadas, o pensamento crítico e analítico tem sido substituído por meras informações em “sites “de pesquisa” pasteurizados” (Pinsky e Pinsky, 2003, p. 17). Assim, o ensino da história dá-se apenas como um repasse de informações, tornando-o insignificante, já que, nesta perspectiva, de acordo com Pinsky e Pinsky (2003) o passado é visto como algo superado. Tal esmaecimento se deu em resposta às decepções com o socialismo e ao desencanto para com qualquer projeto ideológico

comprometido com a diminuição das desigualdades sociais. Tais propostas ideológicas foram concebidas em uma época (basicamente décadas de 1960 e 1970), na qual acreditava-se que convicções políticas bastavam para o ensino da história em detrimento da análise de situações concretas. Pinsky e Pinsky salientam:

O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia. (2003, p.19).

Com isso o objetivo principal deste artigo, será trazer e discutir questões pertinentes ao ensino significativo da História em sala de aula. Buscando analisar quais concepções de ensino/aprendizagem e de história tornam o ensino significativo em sala de aula, sendo capaz de promover o desenvolvimento social e cognitivo dos alunos.

Tal estudo se faz pertinente frente ao contexto contemporâneo e a necessidade de construir junto aos alunos um conhecimento útil para a vida cotidiana. Um conhecimento capaz de auxiliá-los no raciocínio crítico sobre suas vidas e a sociedade, capaz de torná-los cidadãos críticos e conscientes. Assim, traremos ao longo deste trabalho, questões importantes sobre o ensino da história na educação básica e sua relação com a construção do conhecimento histórico no ensino superior. Traremos a discussão sobre as relações de poder do conhecimento histórico nesses dois níveis de ensino, bem como, sobre as relações de poder na própria sala de aula. Para tais discussões, perpassaremos brevemente sobre a questão de o que é a história, além de, discutirmos sobre os atuais debates sobre a realidade da sociedade e do ensino em si mesmo, adentrando em questões como as tecnologias em contraponto com o livro didático, e em meio a isso, o professor em sala de aula, com o desafio de mediar um conhecimento útil e significativo para o aluno. Para tanto, utilizamos metodologicamente a pesquisa bibliográfica, embasando-nos em contribuições de autores sobre o assunto, não somente da História propriamente dita, mas, da Educação como um todo.

Dessa maneira, através da pesquisa bibliográfica e do cruzamento de concepções de autores como Pinky e Pinsky, Cabrini e Jenkins, buscamos trazer para discussão, como construir uma história significativa em sala de aula, com alunos brancos, negros, amarelos, crentes das mais

diversas religiões, ou mesmo, advindos de famílias laicas, ricos e pobres, com diferentes culturas, se o ensino da história hoje é estereotipado, mitificado e preconceituoso? Como construir um conhecimento histórico útil através de uma “história conservadora do branco vencedor, em sua democracia racial.” (CABRINI, 2000, p. 37)? Podemos perceber que já temos um bom pano de fundo para discutir e elencar a essência do ensino da história de maneira significativa e útil, pois, vemos que o que é praticado hoje não é compatível com a realidade diversificada que temos em nossas escolas. Pois bem, sabemos que o que está posto deve ser modificado, mas então, como modificar?

Para o início desta mudança é necessário que o professor repense sobre suas concepções acerca da história, sobre o que ela constitui, ou seja, um discurso a respeito do mundo, mais propriamente dito sobre o passado do mundo. Jenkins (2001) ressalta a diferença entre passado e história, algo importante de se discernir para o ensino desta disciplina. O autor ressalta que passado e história existem distantes entre si no tempo e no espaço, onde o passado é o objeto de investigação da história, assim, a história traz uma interpretação do passado. A história nunca consegue relatar todo um momento vivido, mas, a parte dele a que o historiador se deteve em pesquisar.

Em sala de aula esse discernimento se reflete na maneira como o professor irá instigar o aluno a estudar história. Ou seja, como um conhecimento pronto e acabado, ou como um conhecimento parcial do momento histórico, passível de interpretação e de busca de mais documentações que possam expressar diferentes visões sobre tal momento.

3. A HISTÓRIA E O PASSADO

Jenkins (2001) nos remete a uma reflexão sobre o estudo da história distinguindo-a claramente do termo “passado” e mostrando a importância de distingui-los, onde podemos citar diferenças tais como:

- passado já aconteceu, e a história dos historiadores só é possível de ser construída através de vestígios do passado como documentos, livros, artigos, arquivos, assim, para fazer historiografia, ou mesmo estudar história sempre será necessário ler e interpretar fragmentos do passado;
- Sempre que estudamos o passado, o fazemos a partir de uma leitura particular, ou

seja, através do viés reflexivo do autor que escolhemos. A história é imbuída não somente dos fragmentos do passado, mas, da interpretação e reflexão do historiador;

- A partir dessas reflexões e interpretações muitos grupos, pessoas, povos e classes que constituíam o passado foram e/ou são omitidos das histórias. Isto é, participaram do passado, mas, não foram relatados na historiografia.

No campo da teoria da história Jenkins (2001) traz uma questão fundamental de que a história encontra-se numa categoria distinta do passado, e que cada área do conhecimento tem diferentes formas verdadeiras de traduzir uma paisagem, um fragmento do passado, etc. de acordo com o seu enfoque (por exemplo, uma paisagem ou um documento, será lido com diferentes olhares por geógrafos, sociólogos, historiadores, etc.). Mesmo os historiadores podem descrever tal estudo de maneira distinta de acordo com suas concepções.

Jenkins (2001) traz para análise também, como passado e história se conciliam, visto que, são partes distintas, onde surgem três campos teóricos muito problemáticos:

- . 1) Epistemologia;
- . 2) Metodologia;
- . 3) Ideologia.

No campo da Epistemologia temos a reflexão filosófica da teoria do conhecimento, ou seja, trata do “como sabemos”, assim, podemos começar a dimensionar o tamanho do problema, pois, “se é complicado ter conhecimento de algo que existe, então fica especialmente difícil dizer alguma coisa sobre um tema efetivamente ausente como é o passado da história” (JENKINS, p.30, 2001). E justamente esta fragilidade faz com que as interpretações dos historiadores sejam múltiplas de um mesmo passado.

O autor abarca quatro motivos básicos para esta fragilidade:

- . 1) O conteúdo do passado é praticamente ilimitado, tornando-o impossível de ser totalmente abarcado pelo historiador;
- . 2) O historiador não consegue relatar o passado tal qual ele era, portanto, não existe um

texto fundamentalmente correto do qual outros sejam apenas variações, o que existe são diversas variações;

- . 3) Mesmo a história sendo verificada e autenticada, ela é apenas um construto pessoal, uma manifestação. Assim, o passado que conhecemos (história) é condicionado por nossas versões, fruto da realidade em que vivemos, ou seja, o presente;
- . 4) Apesar de a história ser um estudo dos fragmentos do passado, graças à possibilidade de vê-lo retrospectivamente, traduzindo-o em termos modernos, com conhecimentos antes não disponíveis, conseguimos saber mais sobre o passado do que as pessoas que viveram lá.

No campo da Metodologia, Jenkins (2001) salienta a importância de ter severas regras metodológicas no estudo do passado, visto que, nesta busca pela verdade, nunca se conseguirá recuperar tudo, pois, mesmo o trabalho da história não terminando nunca, não torna o trabalho irreal e ilegítimo, já que existem regras e procedimentos metodológicos rígidos.

Todavia, existem inúmeras metodologias para a pesquisa historiográfica, e para Jenkins (2001) a escolha deste ou daquele método está fortemente ligada à Ideologia a ser seguida. Já no campo da Ideologia, temos como norte a pergunta instigadora “Para quem é a História?” ou ainda “Quem queremos formar e informar com a História?”. A Ideologia define os valores, os objetivos e as perspectivas imbuídas tanto no estudo e na pesquisa, quanto no ensino e na aprendizagem da História. Percebemos assim, nas palavras de Jenkins que: “A história é a maneira pela qual as pessoas criam, em parte, suas identidades.” (p.42, 2001).

Do ponto de vista da historiografia crítica o campo ideológico é o mais truncado e Jenkins esclarece por que:

... quando o discurso dominante se refere ao constante processo de reescrita da história, ele o faz de maneiras que sublimam aquelas necessidades. Aí, o discurso dominante produz a anódina reflexão de que toda geração reescreve sua história... as relações de poder produzem discursos ideológicos... (p.42, 2001)

Assim, afirmamos que o campo Ideológico trunca a historiografia crítica, porque, mesmo “reescrevendo” a história, as classes dominantes induzem a fazê-lo de acordo com suas

necessidades. Vemos até então, que a história é teoria (de fragmentos do passado), a teoria é ideologia (perspectivas e objetivos frutos das relações de poder) e a ideologia é interesse material.

Mas, porque trazer toda essa discussão teórica se estamos aqui debatendo sobre o ensino significativo da história na escola? Ora por que... Porque, tudo isso diz muito a respeito da forma como concebemos o ensino/aprendizagem da história e nos faz pensar em que história queremos levar a nossos alunos. E... Com toda essa discussão conseguimos perceber também, o quanto professor, aluno e comunidade escolar são sujeitos históricos.

Tudo bem. Percebemos a importância da reflexão teórica sobre história para o ensino/aprendizagem da mesma em sala de aula. Agora vejamos sua perspectiva prática. Jenkins (2001) traz para seu discurso as diversas maneiras de produzir história, isto é, através do senso comum e através do predominante conhecimento científico produzido pelos historiadores, ambos construídos em muitos lugares, tempos e espaços e por muitas razões diferentes.

O conhecimento científico predominante da história, definido na academia e imbuído da ideologia do poder dominante é produzido por historiadores que, quando trabalham, levam consigo seus valores, posições, perspectivas e pressupostos, e o fazem com base nos tais fragmentos do passado já citados, como por exemplo, trabalhos de outros historiadores, artigos, documentos, registros, artefatos, etc.

Tendo feito este trabalho de pesquisa, levantamento de dados e análise, é necessário escrever e é aí que retornamos aos campos epistemológicos, metodológicos e ideológicos, interrelacionando-se com as práticas cotidianas. Entre todos esses fatores que interferem na prática do historiador, temos ainda as pressões do cotidiano, os prazos para entregar pesquisas, os trabalhos além da pesquisa, como a docência, as pressões das editoras quanto à extensão, formato, linguagem, prazos para a entrega da obra.

E o historiador, após produzir o seu trabalho ainda tem outra preocupação, após a história escrita, ela precisa ser “consumida”, interpretada, e a leitura da história pode ser feita de diferentes maneiras por diferentes leitores, e mesmo um só leitor pode ler mais de uma vez com diferentes olhares. E dentro desses diferentes olhares interpretativos, existe um sistema

social, imbuído de ideologia, que em alguns casos mais, em outros, menos, direciona nossa leitura. Neste sentido, a escola divulga e ensina tais ideologias, pois, é através dela que o conhecimento é selecionado por meio das relações de poder.

4. O QUE É E PARA QUEM É A HISTÓRIA?

Será que já conseguimos responder “O que é a História?”. Ela é o que os historiadores fazem, contudo, de uma maneira mais complexa do que parece, pois, tal ofício como vimos está inserido nas relações de poder, sendo então, importante analisar: “Para quem é a História?”.

A quem interessa a história ensinada atualmente nas escolas? Será que interessa aos nossos alunos verdadeiros, dizemos verdadeiros, porque não são aqueles que há anos (séculos) a escola idealiza como passivos e receptáculos do conhecimento emitido pelo professor. São alunos imbuídos de conhecimento dos mais diversos (dentre eles, conhecimento histórico também), construídos a partir de suas experiências fora da escola. São crianças, que nas escolas públicas em sua maioria dividem seu tempo entre a escola, a brincadeira e o trabalho. São crianças, que nas escolas particulares, tem mais tempo para dedicar à escola, mas também, viajam mais, entram em contato com diferentes culturas, com um universo letrado amplo. Enfim, nas escolas públicas ou particulares, é necessário repensar o ensino da história, buscando fazê-lo de maneira significativa, onde aluno e professor percebam-se como sujeitos históricos e construtores desse conhecimento, verificando o quanto a história interfere em suas maneiras de ser e agir.

Assim, a partir de uma concepção de ensino/aprendizagem no qual o aluno é sujeito construtor do conhecimento, não cabe um ensino de história construído meramente por datas e por versões dominantes dos acontecimentos históricos. É extremamente necessário trazer para debate em sala de aula, bem como, fazer os alunos pesquisarem sobre diferentes ângulos da história. Por exemplo: Pode-se sim trazer para estudo o descobrimento do Brasil. Mas, trazer junto instigações como: Se o Brasil foi descoberto pelos portugueses, por que quando chegaram em terras brasileiras encontraram seres humanos que denominaram índios? Esta já não seria então, uma terra descoberta e povoada? Qual é a versão dos índios sobre a história do Brasil?

Através de indagações como essas, o professor pode levar os educandos a pensar e a

pesquisar sobre as diferentes concepções sobre a história do Brasil. Além disso, o professor precisa contextualizar os alunos sobre o momento histórico o qual eles estão estudando. Os alunos devem ser levados a pensar sobre os hábitos de vida das pessoas daquela época. Podemos elencar bons questionamentos tais como: Como era a comunicação na época em que tal população viveu? Quais eram as principais fontes de renda de tal região em tal época? Como eram as moradias de tal cidade do nosso estado na década X? Como era a indumentária da população na época X? Através de questionamentos como estes os alunos são situados historicamente nas situações estudadas.

Cabrini (2000) mostra claramente como fazer este cruzamento de informações no tempo e no espaço para construir uma problematização rica e densa do objeto de estudo a ser examinado, através de quatro possibilidades de entrelaçamento de informações que auxiliam o professor a construir coletivamente um conhecimento histórico significativo. Vejamos as quatro possibilidades que podemos trazer para discussão em sala de aula:

- Aqui (espaço) e agora (tempo). Questionar os alunos sobre questões não só da atualidade, mas, do seu local propriamente dito;
- Aqui (espaço) e antigamente (tempo). Questionar os alunos sobre questões de sua localidade, mas, como ocorreram no passado;
- Em outro lugar (espaço) e agora (tempo). Questionar os alunos sobre questões da atualidade em outros espaços, em outras localidades, verificando os acontecimentos, os modos de vida, os modos de produção, o lazer, a cultura, enfim, existe uma infinidade de assuntos a serem pesquisados;
- Em outro lugar (espaço) e antigamente (tempo). Questionar os alunos sobre questões de outras localidades e de outros tempos.

5. O TRABALHO PEDAGÓGICO E A HISTÓRIA EM SALA DE AULA

Nas busca pelo conhecimento histórico significativo, onde o professor percebe o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento, é necessário ter cuidado para não anular as diferenças entre professor e aluno. Sabemos que ambos participam ativamente do processo de ensino/aprendizagem, porém, cada um desempenhando o seu papel. Cabrini afirma:

Constituem eles entidades diversas – nem iguais, nem opostas. Devem aproveitar suas diversidades em função de um objetivo comum: a elaboração em sala de aula de uma reflexão que seja produto dos dois polos. É você professor, o encarregado de garantir, em sala de aula, um mecanismo que desencadeie esse processo comum de reflexão. (2000, p.35)

Ou seja, o professor deve ser o mediador do processo ensino/aprendizagem, orientando os alunos nessa construção. Isto é, dizer que o aluno é sujeito ativo no ensino da História, não significa deixá-los estudar o que querem na hora que bem querem, mas, conduzi-los de maneira significativa por um caminho de conhecimento histórico útil, que os faça perceber que eles em si são sujeitos históricos. Com isso, o professor de história precisa ter domínio do processo de produção do conhecimento histórico, sabendo assim, orientar os alunos no caminho desta produção e relação crítica com o saber.

Cabe à escola globalizar o conhecimento integrando-o entre os diferentes componentes curriculares, como por exemplo, não repassar meramente fatos históricos descontextualizados aos alunos, mas, situa-los geograficamente, e mais, demonstrar as consequências políticas, sociais e econômicas que tal fator histórico provocou a determinada sociedade. E mais, a intervenção pedagógica do professor deve considerar a experiência de vida e de trabalho do aluno e as suas representações e visões da realidade social. O conhecimento torna-se significativo a partir do momento em que responde às indagações e aos desafios do aluno. Não queremos aqui, dizer que o professor deve ignorar o conteúdo programático ao qual o ano escolar em questão está submetido, mas, deve tratá-lo de maneira diferente, trazendo-o de maneira que o aluno perceba o quanto esta história influencia os costumes atuais.

A escola, mobilizando os saberes específicos de cada profissional, para que os alunos das classes populares se apropriem do conhecimento que buscam, vai distinguindo o fundamental do circunstancial. O fundamental é o conhecimento desvelador, que contribui para que o aluno desenvolva a sua capacidade de pensar criticamente a sociedade na qual vive e desenvolva habilidades indispensáveis à organização coletiva, para transformá-la. O fundamental é que o aluno aprenda a ler, captando o significado, ao invés de decifrar; ao escrever ao invés de copiar, apropriando-se da língua, instrumento de compreensão e explicitação da realidade... a compreender o espaço e o tempo históricos em que se insere e o papel do sujeito histórico coletivo na construção e transformação da sociedade, ao invés da concepção factual, cronológica e individualista da história vista erroneamente como movida por heróis individuais e por fatos ocasionais, desconhecendo a ação coletiva. (GARCIA, p.19-20, 2002).

Pinsky e Pinsky (2003) sustentam que o grande desafio está em adequar o nosso olhar às exigências do mundo real, “...mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia.” (PINSKY E PINSKY, p.19, 2003). Tal prática consiste em articular o patrimônio cultural da humanidade com o universo cultural do aluno. O aluno precisa compreender que o seu modo de vida atual deriva da evolução do modo de vida dos seus antepassados.

Para tanto, o professor precisa ter claro seu papel mediador em sala de aula, sem confundir informação com educação. Para informar, temos jornais, televisão, internet, entre outros, mas, para transformá-la em conhecimento é fundamental a sua organização, que por sua vez, é um dos trabalhos do professor, que através de metodologias e didáticas de ensino, organiza as diversas informações e conteúdos, bem como, deve instigar os alunos a fazer uso de tais informações e conhecimento, depreendendo, analisando, criticando e construindo suas próprias concepções e seus próprios conhecimentos. Somente assim, todas as informações transmitidas pela mídia transformam-se em conhecimento verdadeiro.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs para o ensino da História (BRASIL, 1997) o conhecimento histórico escolar deve reelaborar o conhecimento produzido por pesquisas de historiadores e especialistas do campo das Ciências Humanas, articulando os saberes acadêmicos de acordo com os objetivos da aula e do conhecimento a ser construído. É através dessa articulação que as representações sociais do mundo e da história, produzidos por professores e por alunos, reelaboram o conhecimento histórico escolar. Dessa maneira, essa relação entre saber histórico e saber histórico escolar, compreender a delimitação de três conceitos fundamentais: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico. Assim, numa visão crítica do ensino da história os fatos históricos estão intimamente ligados às ações humanas significativas, escolhidas pelos professores e pelos alunos para análise e estudo em determinados tempos históricos. Percebemos aí que todos os conceitos que devem ser considerados no ensino de história não estão estanques e independentes uns dos outros, mas, integrados e harmonizados, dando sentido um à existência do outro.

No ensino fundamental o ensino da história deve contribuir para que o educando consiga identificar o seu grupo de convívio e as relações estabelecidas nos tempos e nos espaços;

deve auxiliar a organizar repertórios histórico-culturais, permitindo localizar acontecimentos em múltiplos tempos; precisa também, favorecer uma construção de respeito ao modo de vida de diferentes grupos sociais, reconhecendo mudanças e permanências nas vivências humanas. Além disso, o ensino da história deve ser um espaço onde o educando possa questionar sua realidade, identificando problemas e refletindo sobre possíveis soluções; deve favorecer o uso de métodos de pesquisa produção de textos de conteúdo histórico, valorizando a produção infantil. Enfim, deve estimular o educando a valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade como direito de todos e como elemento de fortalecimento da democracia.

Trazendo um pouco de “História do ensino da história”, podemos citar conforme Schmidt (2004), que um grande contribuinte para a construção de uma prática de ensino de história com o enfoque pedagógico no Brasil foi Jonathas Serrano, que viveu entre 1855 e 1944, trazendo contribuições importantes para a história escolar. Formado em Direito, mas, atuante na educação como professor e como formador de professores. Serrano defendia ideias pedagógicas do educador norte-americano John Dewey, que defendia que o presente com seus problemas deveria ser o ponto de partida para a História, tal como temos claro nos PCNs, buscando então, um ensino de história articulado ao presente e ao interesse dos alunos. Schmidt (2004) ressalta que para Serrano o ensino da história deve ter como referência a experiência da criança, ou seja, a criança precisa encontrar significado no conteúdo estudado e nos conceitos a serem desenvolvidos, assim, deve haver um estímulo à curiosidade infantil, desenvolvendo significações com base nas necessidades reais das crianças, tendo a relação passado/presente como ponto de partida. A partir dessas constatações do ensino da história, como podemos trabalhá-lo de maneira interativa no ambiente escolar?

A Pedagogia de Projetos é uma metodologia muito eficiente e muito atrativa, na qual o professor consegue desenvolver com a turma um trabalho interdisciplinar e significativo, onde claro, o professor pode delinear um foco, ou um componente curricular específico, mas, os conteúdos abordados no projeto podem transitar pelos diferentes componentes curriculares do ano/série em questão. Construindo assim, um conhecimento muito mais rico e menos enrijecido.

Parece necessário, pois, que se supere a simples acumulação de saberes e se parta para os referenciais em torno de um TEMA ou um PROBLEMA que se apresente e que queira investigar. Trata-se de colocar o saber em ciclo,

ou seja, de articular os pontos de vista disjuntos num ciclo ativo. Isso implica o desenvolvimento da capacidade de propor situações-problema (ou de buscá-las onde estão), de aprender a utilizar fontes de informações contrapostas ou complementares dentro e fora da escola e compreender que todo ponto de chegada constitui, em si, um novo ponto de partida. (FLECK, p.129-130, 2007)

6. UMA PROPOSTA EMBASADA NO PLANEJAMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Após nos situarmos teoricamente acerca dos desafios da educação e do ensino da história, percebendo que a Educação é o alicerce para o desenvolvimento, e que a busca pela construção de uma educação significativa para toda a vida é um desafio frente a sociedade que está posta, com todas as tecnologias e meios de comunicação que evoluem e mudam constantemente e nem sempre a escola consegue acompanhar. Bem como, após estabelecermos uma importante discussão a qual diferencia os conceitos de História e Passado, distinção esta fundamental para o ensino eficiente e eficaz da história, discutimos também, o que é e para que é a história, isto é, um estudo acerca do passado, que agora temos claro, é sempre parcial e imbuído da ideologia do historiador, e esta história científica, metodologicamente construída e comprovada deve ser didaticamente adaptada para o que chamamos de história escolar, significativa para nosso educandos.

Dito isto, partimos para um debate acerca do trabalho pedagógico e da história em sala de aula. Agora, após esta caminhada, vamos destacar uma proposta de projeto interdisciplinar que tem como foco principal um conteúdo de história a ser trabalhado com uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental. Antes de explicitar nossa proposta, cabe ressaltar que pesquisas apontam que o sucesso do ensino está imbricado em práticas educacionais pautadas no planejamento da ação pedagógica e no conhecimento científico adquirido e comprovado historicamente ao longo dos tempos. Todavia, sabemos também, que apesar das pesquisas apontarem para esses fatores, nem sempre o planejamento é uma prática recorrente nas salas de aulas. Castro (2011) ressalta que, nossa própria cultura valoriza a arte da improvisação, mas, ele é pontual ao afirmar que a improvisação é uma farsa, pois, os maiores improvisadores são aqueles que mais se preparam. O autor cita exemplos como o de Amyr Klink, que improvisa em suas conferências, mas, planeja detalhadamente suas expedições. Castro (2011) relata ainda, os repentistas do nordeste brasileiro que na arte da improvisação, falam de coisas as quais dominam perfeitamente devido à prática do cotidiano. O autor

sustenta:

Doug Lemov observou metodicamente como agem os professores americanos mais eficazes do ensino básico. Concluiu que os mestres geniais preparam minuciosamente as suas aulas. Relatos de bons professores brasileiros mostram o mesmo... Sabemos com segurança: quanto mais planejada a aula, mais os alunos aprendem. E, para bem planejar, nada como usar as melhores práticas, acumuladas ao longo dos anos. Pouquíssimos têm ou vocação ou tempo para inventar boas aulas. (CASTRO, p.24, 2011)

Essa citação do autor mostra claramente a importância do planejamento para o sucesso do processo de ensino/aprendizagem, bem como, demonstra que o professor não precisa ser nenhum “inventor extraordinário” para planejar uma boa aula, basta para tanto, se preparar, conhecer práticas exitosas, pois, ninguém nasce sabendo, e poucos têm dom e tempo de inventar aulas atrativas e construtivas. Não estamos dizendo aqui que o professor não pode criar e não deve inovar. Ele pode e deve, mas, para tanto, é muito mais fácil e simples, nesse tempo tão escasso para o planejamento da prática pedagógica, se munir de práticas que comprovadamente são exitosas, ou seja, se sabemos que algo deu certo, porque não, criar a partir disso. Ou seja, conhecer as pesquisas, as práticas educacionais eficazes, é fundamental para a prática educativa de um bom educador.

O professor deve conhecer as características de sua turma, visto que, as pesquisas de Vygotsky (apud SARMENTO et al, 2009) apontam: de nada ou pouco adianta, e ainda pode confundir a aprendizagem infantil se o professor aplicar atividades que não estão de acordo com as capacidades infantis. O professor precisa se preocupar com os objetivos de suas propostas pedagógicas, ou seja, ao planejar ele precisa analisar o que ele quer que seus educandos construam a partir de sua proposta. Fazendo isso e conhecendo a sua turma, dificilmente o educador fará atividades que seus educandos não sejam capazes de resolver e evoluir. Assim, é possível afirmar que precisamos propor situações problemas que nossos educandos sejam capazes de solucionar e que ao mesmo tempo os estimulem a refletir e dessa forma, os estimulem a evoluir.

Soligo (p.1, M2UET6, 2001) sustenta:

O desafio de organizar a prática pedagógica a partir do modelo de resolução de problemas se expressa, principalmente, no planejamento de situações de ensino e aprendizagem difíceis e possíveis ao mesmo tempo, ou seja, em

atividades e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos.

Em outras palavras, torna-se necessário pensar em práticas pedagógicas capazes de fazer os educandos evoluírem, como a autora colocou, difíceis e ao mesmo tempo possíveis, pois, se a proposta é muito fácil para a capacidade do aluno, não chama a sua atenção e não acrescenta novos conhecimentos, bem como, se a proposta extrapola a capacidade infantil, ele não conseguirá resolver a situação problema e também não conseguirá evoluir na construção do conhecimento, podendo ainda, desestimulá-lo nesse processo.

A partir desses pressupostos, vamos expor uma proposta de projeto interdisciplinar pautado no planejamento do professor a partir de conhecimentos significativos para a turma. Tal projeto será explicitado através de uma atividade desencadeadora, seguido de uma atividade culminante e terminando com uma atividade de encerramento, ma, não significa que a ideia não possa ser adaptada com outras atividades.

Tema: Conhecendo novas culturas: em outro lugar, agora e antigamente. A colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Público-alvo: 4o ano do Ensino Fundamental

Justificativa: Justificamos o tema abordado a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Ensino de História, mais especificamente, nos conteúdos a serem abordados no segundo ciclo. De acordo com os PCNs (Brasil, 1997), os conteúdos a serem abordados neste ciclo devem compor as relações estabelecidas entre a coletividade local e outras coletividades de outros tempos e espaços, rebuscando diálogos entre presente e passado e os espaços locais, nacionais e mundiais. Nesse sentido escolhemos um tema que abarcará a colonização alemã onde faremos comparações com nossa cultura atual.

Conteúdos: História do Rio Grande do Sul e Língua Portuguesa.

Objetivo Geral: Compreender as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua coletividade estabelece e estabeleceu com a coletividade alemã, no presente e no passado.

Atividade Desencadeadora:

Objetivos específicos:

- Redigir um texto sobre a cultura da realidade da sua comunidade;
- Estudar a colonização alemã no Rio Grande do Sul;
- Pesquisar sobre a cultura alemã na época em que os alemães chegaram ao Rio Grande do Sul;
- Analisar a situação de uma comunidade de descendência alemã atualmente.

Desenvolvimento:

1. Conversar com a turma sobre a cultura da sua comunidade. Indagar quais as roupas que usam atualmente, onde seus pais trabalham, em quais lugares eles mais gostam de passear. Enfim, fazer com que os educandos pensem sobre seus costumes e sobre o seu cotidiano;
2. Após, pedir para cada educando redigir uma redação sobre a cultura da sua comunidade, onde além de fazer a redação, cada educando deverá criar um título para a sua redação;
3. Em um segundo momento o professor dará uma aula expositiva sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul com o auxílio do livro didático “História: Rio Grande do Sul” da autoria de Felipe Piletti, indicado pelo Guia de Livros Didáticos PNDL 2010. Neste momento o professor rebuscará a todo o momento a relação da cultura alemã da época com a cultura atual da comunidade;
4. Logo o professor convidará os educandos a irem ao Laboratório de Informática da escola para fazer uma pesquisa sobre uma comunidade de descendência alemã atualmente. O professor indicará o site da Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis – RS e pedirá para os alunos pesquisarem sobre o Parque Aldeia dos Imigrantes para verificar como os descendentes dos imigrantes alemães vivem na atualidade;
5. Após a pesquisa sobre a realidade atual do Parque Aldeia dos Imigrantes, o professor explicará aos alunos que eles farão uma visita de estudo à Nova Petrópolis – RS e antes disso,

eles comporão coletivamente uma entrevista para realizar com os trabalhadores do parque. O professor irá mediar a construção da entrevista, a qual deverá ser composta por indagações sobre a cultura atual e de quanto os colonizadores chegaram na Aldeia, sobre as vestimentas e os trabalhos das pessoas da região.

Recursos: folha pautada, lápis, caneta, laboratório de informática, Livro Didático “História: Rio Grande do Sul” – Capítulo 10: Chegam os Imigrantes Alemães; Data Show.

Atividade Culminante:

Objetivos Específicos:

- Levantar as características atuais e antepassadas dos indivíduos que mantém a Aldeia dos Imigrantes;
- Comparar a arquitetura preservada na Aldeia dos Imigrantes com a arquitetura atual;
- Realizar a entrevista com no mínimo 3 trabalhadores da Aldeia dos Imigrantes – 1 que trabalha na Casa de Fotos, 1 que trabalha na Mercearia e 1 que trabalha no Museu.

Desenvolvimento:

1. Levantar as características do Parque Aldeia dos Imigrantes em seu contexto: pessoas que trabalham lá (são descendentes de alemães somente?), arquitetura, comidas típicas, fontes de renda, etc. Tanto da atualidade quanto do passado;
2. Fotografar e listar os objetos do Museu os quais mais achou interessante;
3. Fotografar os espaços do Parque e a arquitetura das construções;
4. Dividir-se em 3 grupos e cada grupo irá entrevistar 1 dos 3 trabalhadores do Parque, com perguntas como por exemplo:
 - Você é descendente dos imigrantes que povoaram esta aldeia no passado?
 - Quais as principais comidas da sua cultura?

- Quais são as suas opções de lazer?
- Como é a rotina do trabalho aqui no Parque Aldeia dos Imigrantes? (Descrever).
- Entre outras elaboradas previamente pela turma.

Recursos: Folha da Entrevista, lápis, caneta, borracha, máquina fotográfica.

Atividade de Encerramento:

Objetivos Específicos:

- Comparar as relações sociais, econômicas e culturais do Parque Aldeia dos Imigrantes com as relações da comunidade escolar dos alunos;
- Comparar a atualidade dos costumes no Parque Aldeia dos Imigrantes com os costumes dos imigrantes alemães estudados em aula;
- Comparar a estrutura arquitetônica do Parque com a estrutura arquitetônica da sua comunidade.

Desenvolvimento:

1. Na escola os alunos se dividirão em 3 grupos e sistematizarão as respostas dadas nas entrevistas realizadas, as 3 entrevistas realizadas deverão transitar pelos três grupos;
2. Após sistematização, onde os alunos terão feito um trabalho de comparação das respostas dos entrevistados e uma listagem das características levantadas sobre o Parque através das entrevistas, os alunos debaterão em grande grupo a conclusão que cada grupo chegou;
3. Em outro momento os educandos irão recortar do jornal local fotos dos bairros da cidade;
4. Em um papel pardo os educandos construirão um painel coletivo com o título: “Aqui Atualmente e em Outro Lugar Agora e Antigamente: Nossa Cultura e a Cultura da Aldeia dos Imigrantes”. Este painel será dividido em três partes. Uma parte é

reservada à cultura atual da comunidade escolar, com as imagens recortadas dos jornais e uma listagem das características da arquitetura local, costumes de lazer, principais fontes de renda. A outra parte do painel será dedicada ao Parque Aldeia dos Imigrantes, onde os alunos colocarão as fotografias tiradas da arquitetura do Parque, dos objetos do Museu, da culinária da Mercearia, bem como, com uma listagem das características culturais, fontes de renda, principais possibilidades de lazer dos trabalhadores do Parque. E a terceira e última parte do painel, será destinada ao estudo realizado em aula através da aula expositiva do professor e do uso do Livro Didático “História: Rio Grande do Sul”, onde os alunos deverão sistematizar nesta parte do painel um resumo sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul, com informações como: período em que os alemães chegaram no Rio Grande do Sul; principais fontes de renda da época; principais atividades de lazer, localidades onde os imigrantes mais se concentrarão. Assim o Painel ficará visualmente explicativo e comparativo, sistematizando e mostrando as principais aprendizagens da turma através do projeto;

5. O Painel será exposto na escola e as diversas turmas da escola passarão sequencialmente pelo Painel, onde a turma estará dividida em grupos que se revezarão para explicar a pesquisa realizada e os resultados alcançados e explicitados no painel.

Recursos: Fotos, jornais, imagens da cidade, tesoura, cola, papel pardo, caneta hidrocor.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que os desafios da Educação, sobretudo, do ensino da história, são inúmeros. Vão desde o professor ter claro consigo a diferenciação entre a História e o passado propriamente dito, até questões ideológicas da História trabalhada na escola. Sabemos também, que para o ensino da História tornar-se significativo, o educando deve ver-se como sujeito histórico e perceber o quanto os fatos históricos influenciam o seu modo de vida.

Segundo Libâneo (1994, p. 222) "O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social". Ele é um meio para se programar as ações, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. E, nesta dinâmica ele não pode ser

visto como algo estanque, elaborado individualmente. Ou seja, deve ser um processo coletivo, no qual identifica-se a realidade existente e planeja-se a realidade desejada (GANDIN, 2004).

Então, para que o professor consiga unir o conhecimento histórico científico à práticas de ensino/aprendizagem prazerosas, ele deve, inerentemente, dominar o conteúdo a ser trabalhado, mas também, estar aberto a novas aprendizagens com a turma, conhecer os seus educandos com todas as suas peculiaridades, necessidades e potencialidades, e através daí, realizar um planejamento bem focado, com objetivos claros e bem definidos, onde os educandos percebam a necessidade da aprendizagem da história de seus antepassados e dos antepassados de outras regiões para compreender os seus processo atuais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Guia de Livros Didáticos: PNDL 2010: História. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2009.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CABRINI, Conceição; et. al. Ensino de História: revisão urgente. São Paulo: EDUC, 2000.

CASTRO, Cláudio de Moura. A arte da improvisação. In: Veja. 12 de janeiro, 2011.

DELORS, Jacques; et. al. Educação: um tesouro a descobrir. 10. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

FLECK, Maria Luiza Steiner. Pedagogia de Projetos: o princípio, o fim e o meio. In: Revista Diálogo – Didática para os professores, Canoas, n.11, p.117-140, jul.-dez 2007.

GANDIN, Danilo. A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental. 12a Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. GARCIA, Regina Leite. Especialistas em Educação, os mais novos responsáveis pelo fracasso

escolar. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

JENKINS, Keith. A História Repensada. Trad.: Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.
LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Editora Cortez. 1994
PILETTI, Felipe. História: Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ática, 2006.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-36.

SARMENTO, Dirléia Fanfa; RAPOPORT, Andrea. Desenvolvimento e aprendizagem infantil: implicações no contexto do primeiro ano a partir da perspectiva vygotskiana. In: RAPOPORT, Andrea; SARMENTO, Dirléia Fanfa; NÖRNBERG, Marta (Org.) A criança de 6 anos: no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 37-46.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História com Pedagogia: A contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil. In.: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, no48, p.189-211, 2004.

SOLIGO, Rosaura. Dez importantes questões a considerar... Variáveis que interferem no trabalho pedagógico. In.: Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Coletânea de Textos: módulo2. - MEC: Brasília, 2001.